


## Retomar a experiência, revisar a história: instalações de artistas mulheres na Haus der Kunst

*Inside Other Spaces. Environments by Women Artists 1956-1976*

**Marília Palmeira**

 0009-0002-9870-5043  
mariliapds@gmail.com

Resenha da exposição *Inside Other Spaces. Environments by Women Artists 1956-1976*, realizada na Haus der Kunst, Munique, Alemanha, de 8 set. 2023 a 10 mar. 2024, com curadoria de Andrea Lissoni, Marina Pugliese e Anne Pfautsch.

“Por favor, retire os sapatos para visitar a exposição.” A frase é um convite a retomar as dimensões do corpo, comprimido na desproporcionalidade do trajeto até ela – o que inclui atravessar a colunata monumental da fachada da Haus der Kunst, vencer a pesada porta principal, cruzar o vão central de altos pilares de mármore e gesso a fim de adentrar a ala direita do edifício, onde *Inside Other Spaces* foi montada. Organizada em torno do conceito de “ambiente espacial”, instituído em 1949 por Lucio Fontana, reconstruiu instalações criadas entre 1956 e 1976 por 11 artistas mulheres de origens nacionais diversas: Judy Chicago, Lygia Clark, Laura Grisi, Aleksandra Kasuba, Lea Lublin, Marta Minujín, Tania Mouraud, Maria Nordman, Nanda Vigo, Faith Wilding e Tsuruko Yamazaki.

Em que espaço Em outros espaços se situa é fato que não deve ser ignorado. Segundo o diminuto alerta biográfico em mínimas letras brancas sobre o vidro fosco da porta principal, aquele foi, em 1937, o primeiro edifício representativo da arquitetura monumental do Terceiro Reich. Posteriormente, o governo militar norte-americano transformou a antiga Haus der Deutschen Kunst num cassino. No final da década de 1940, a Haus der Kunst, desprovida de acervo, iniciou sua trajetória de espaço expositivo de arte moderna e contemporânea, cujo programa curatorial internacional busca abertura e reparação histórica. Desde a década de 1990, numerosos artistas foram convidados a realizar intervenções em sua arquitetura, materializando a vontade de ressignificação do prédio – proposta oposta à de sua implosão como relíquia nazista. É nessa

tentativa de implodir uma historiografia da arte ambiental excessivamente masculina, norte-americana e europeia que as salas de amplo pé-direito abrigam as instalações de Inside Other Spaces e obrigam a escala nacional-socialista a servir a um programa que se autodeclara deslocalizado.

A curadoria de Inside Other Spaces inicia-se com um ambiente de 1956 e termina em 1976, ano de Ambiente/Arte dal Futurismo alla Body Art, primeira retrospectiva histórica sobre obras de arte imersivas, curada por Germano Celant como parte da 37ª Bienal de Veneza. O primeiro dos 11 ambientes reconstruídos que encontramos é *Red (Shape of Mosquito Net)* (1956), de Tsuruko Yamazaki, integrante e fundadora do coletivo Gutai, atuante no Japão do pós-guerra e mencionado por Allan Kaprow em 1965. Cada instalação é acompanhada por um texto curatorial e, eventualmente, por fotografias que permitem reconstituir o contexto original do trabalho. Assim descobrimos que *Red* foi apresentada pela primeira vez na Outdoor Gutai Art Exhibition, num parque público permanentemente aberto da cidade de Ashiya, quando várias estruturas cúbicas de vinil e madeira com luzes posicionadas em seu interior foram fixadas às árvores, como se flutuassem a 70cm do solo. Os grandes cubos vermelhos luminosos – situados entre a abstração e o cotidiano, pois aparentemente remetiam aos mosquiteiros colocados sobre os *futons* japoneses – estruturavam um espaço fechado inesperado em meio ao ar livre, convidando os transeuntes a penetrá-los e estar neles, num lugar intersticial entre dentro e fora. A montagem do cubo vermelho foi realizada na primeira sala da exposição, recoberta com carpete, contra o branco das paredes da galeria. Diante da afirmação curatorial de um esforço de três anos de pesquisa institucional e documental, com apoio de uma rede de pesquisadores e restauradores, em que se realizou um esforço inédito de reconstituir as instalações com exatidão de medidas e pormenores, por que não optar por reconstituir o ambiente daquele ambiente? Sua montagem nas árvores da área externa contígua ao edifício ou ao longo do Englischer Garten, para o qual está voltada a fachada posterior da Haus der Kunst, permitiria uma reconstituição mais interessante da experiência, em vez da apropriação museológica de um cubo dentro de outro.

Tampouco situa-se o problema na reconstrução física obsessiva de detalhes das instalações, mas na conciliação da tarefa de recuperação historiográfica com a possibilidade da experiência – e nisso a exposição é bem-sucedida. A descrição da obra não é a obra (a menos que seja). Portanto, atravessar *A casa é o corpo*

(1968) com meu primogênito de quatro anos foi diferente de todo o lido: experimentei o medo dele do escuro em simultâneo à minha desorientação claustrofóbica, rivalizando com a curiosidade dos rumos táteis. A instalação de Ligia Clark não foi montada distante de *Penetración/Expulsión (del Fluvio Subtunal)* (1970), de Lea Lubin, que assume dupla carga sexual e política no contexto da ditadura argentina.

Em *Utopie* (1964), parceria de Nanda Vigo com Lucio Fontana para a 13ª Trienal de Milão, com o tema “Lazer”, apresentou-se apenas o “corredor vermelho”, dentre os oito de mesmas medidas originalmente expostos. Passei um tempo escorregando de cabeça nas ondulações do chão atapetado e deslizando no esforço vão de subir para escorregar de novo. Em alguns casos, a reconstrução logrou mais fidelidade ao projeto inicial, ocasionalmente impedido por circunstâncias da montagem original, como a apresentação de todos os módulos de *Spectral Passage* (1975) em uma mesma sala. Aleksandra Kasuba, de origem lituana, concebeu uma enorme tenda de lycra composta de estruturas intercomunicantes, iluminadas pelas cores do arco-íris, que quase obrigam o visitante a engatinhar para atravessar certas passagens, ao som de “Os Planetas”, de Gustav Holst. Era a obra da foto principal de divulgação, a que parecia gerar mais engajamento dos visitantes em redes sociais.

Na instalação *Feather Room* (1966), originalmente apresentada numa galeria pelo coletivo The Room Company, que incluía a artista feminista Judy Chicago, uma sala de paredes brancas fortemente iluminada, de modo a produzir a sensação de infinitude, foi coberta por 150kg de penas brancas. Visitantes jogavam plumas ao ar e gargalhavam, tomados por um certo prazer aleatório – lembrei que entre a Haus der Deutschen Kunst nacional-socialista e a Haus der Kunst internacionalista existiu um cassino. Tania Mourad, francesa que apresentou *We used to know* (1970), veio a Munique para a montagem e referiu-se aos trabalhos das colegas como “parquinhos”.<sup>1</sup> A obra de Tania consiste numa sala iluminada com refletores e mantida aquecida a 45 graus, em cujo centro uma torre preta de aço extremamente quente emite repetitivamente ultra- e infrassons, que agem como uma espécie de alerta. Todos esses fatores tornam a permanência prolongada na sala uma experiência física e psiquicamente desagradável, como se o corpo confrontasse a iminência de uma catástrofe.

<sup>1</sup> Sattler, Victor. Als die Kunst total wurde, matéria do jornal *Die Zeit* de 25 set 2023.



Figuras 1, 2 e 3  
Tsuruko Yamazaki, *Red*  
(*Shape of Mosquito Net*), 1956  
(fotos Marília Palmeira)



**Figura 4**  
Judy Chicago, *Feather  
Room*, 1966  
(foto Marília Palmeira)

A observação de comportamentos de público que remetem àqueles das exposições comerciais ditas imersivas, mais acostumados ao entretenimento do que à crítica, colocou-me diante da dúvida: o quanto essa mostra logra a “escrita da história deslocizada por meio da apresentação das artistas” prometida no texto curatorial assinado por três europeus (aqui, um homem força a flexão masculina) falando de Outros (espaços)? Por que não uma curadoria que embaralhe os outros e os mesmos e extraia, dessa contiguidade, novos nexos? Embora a contextualização histórica, política, cultural e biográfica em cada uma das salas revele pesquisa, é impossível mediar com profundidade a trajetória de tantas artistas de origens tão diversas concedendo a cada uma, separadamente, um *banner* de parede.

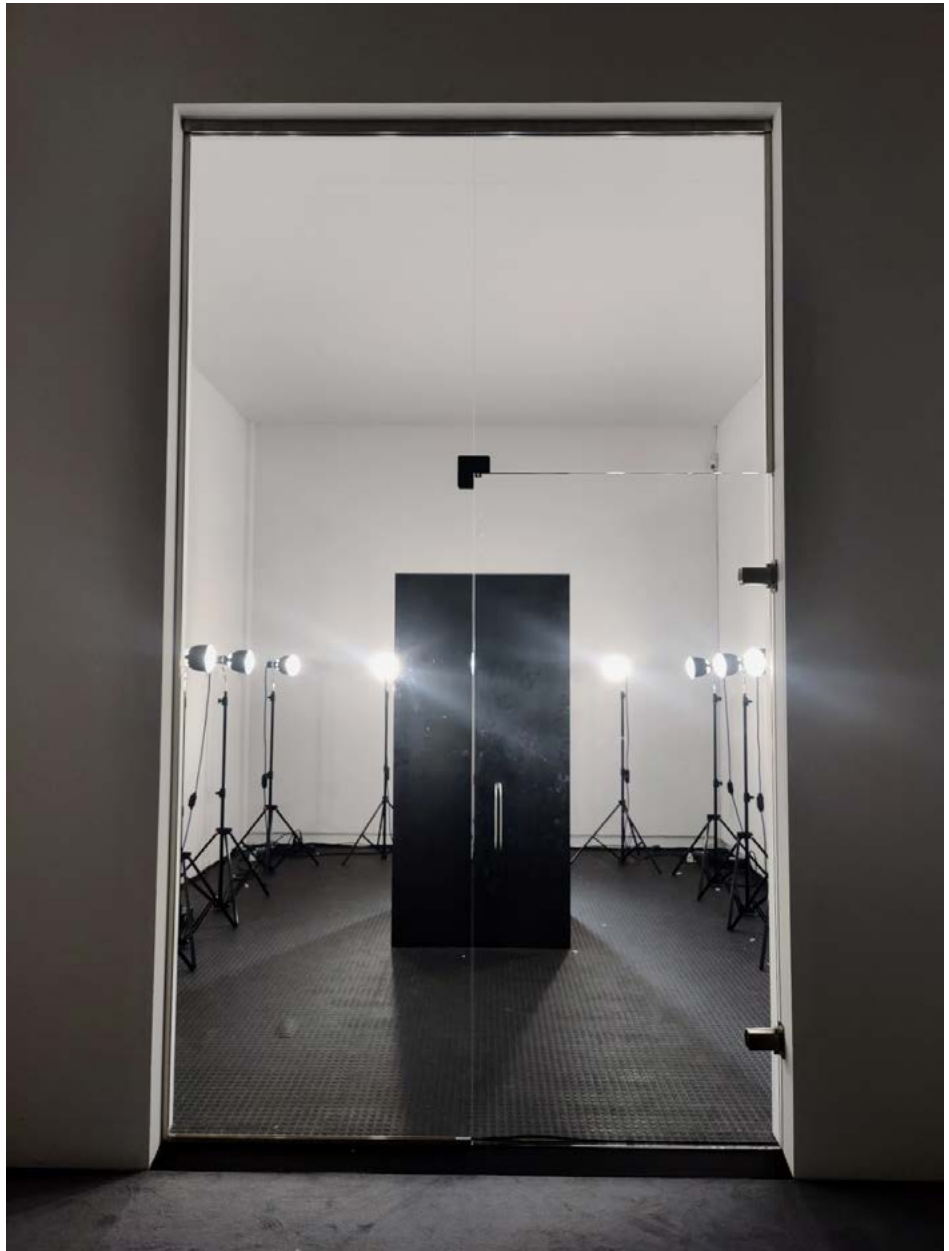


Figura 5  
Tania Mourad, *We used  
to know*, 1970  
(foto Marília Palmeira)

A sala documental composta por projeções de vídeos que acrescentam informações sobre a exposição poderia ser mais bem estruturada, de modo a possibilitar ao visitante um real aprofundamento das pesquisas. Omissões são evidentemente inevitáveis num projeto desse escopo. Lygia Pape, que teve sua primeira grande mostra individual na Alemanha no ano passado, na Kunstsammlung Nordrhein-Westfalen, não foi, por exemplo, incluída em *Inside Other Spaces*. De todo modo, por mais que seja difícil reescrever uma história da arte ambiental não dominada por modelos hegemônicos recorrendo-se à apresentação pontual de alguns casos exemplares dispersos pelo mundo, *Inside Other Spaces* faz uma notável contribuição a um esforço que deve ser constituinte de qualquer projeto curatorial.

**Marília Palmeira de Souza** é doutoranda do Programa *Discursos: História, Cultura e Sociedade* do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra em cotutela com o Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ.

Resenha submetida em agosto de 2023 e aprovada em novembro de 2023.

**Como citar:**

PALMEIRA, Marília.. Retomar a experiência, revisar a história: instalações de artistas mulheres na Haus der Kunst. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29 n. 46, p. 373-379, jul.-dez. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n46.33>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.